

METODOLOGIAS DE PERCUSSÃO PARA DEFICIENTES VISUAIS

CARDOSO, Francisco Luiz da Silva¹

MULLER, Cristiane²

URIARTE, Mônica Zewe³

RESUMO: O presente artigo foi elaborado a partir da necessidade de produzir materiais didáticos que possam contribuir para a formação de professores de música atuantes na área de educação especial. A pesquisa busca perceber como ocorre a aprendizagem da percussão com deficientes visuais tendo como principal referência teórica o artigo *“Estratégias Metodológicas Utilizadas na Educação Musical de Cegos a Partir da Abordagem Orff-Schulwerk”* da educadora especialista no ensino para deficientes visuais Isabel Bertevelli. A pesquisa de caráter qualitativo e intervencionista vem sendo realizada com participantes do projeto *“Música para Meus Olhos”*, desenvolvido pela AVI (Associação de Violão de Itajaí), em parceria com a ADVIR (Associação de Deficientes Visuais do Vale do Itajaí e Região) e Conservatório de Música Popular de Itajaí. Ao final desta etapa foi possível perceber que ainda existe muito a ser investigado sobre o ensino de percussão em grupo para deficientes visuais.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Percussão. Deficientes Visuais.

ABSTRACT: This article was prepared from the need to produce teaching materials that can contribute to the formation of music teachers acting in special education. The research seeks to realize how does the percussion of learning with visually impaired works, having for the main theoretical reference the article *"Methodologicals Used in Blind Music Education From The Approach Orff-Schulwerk"* from the educator specialist in education for the visually impaired Isabel Bertevelli. The research of qualitative and interventionist nature has been carried out with students of the *"Music to My Eyes"* project, developed by AVI (Itajaí Guitar Association) in partnership with ADVIR (Disabled Visual Association of Itajaí Valley and Region) and

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Música da UNIVALI.

² Professora Mestre dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música da UNIVALI.

³ Coordenadora e professora Doutoranda dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música da UNIVALI.

Popular Music Conservatory of Itajaí. At the end of this research stage it was revealed that there is still much to be researched on the percussion group teaching for the visually impaired.

KEYWORDS: Methodology. Percussion. Visually Impaired.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o ensino de percussão em grupo e o valor da música para deficientes visuais a partir de aulas ministradas pelo acadêmico (autor deste trabalho) no projeto “*Música para Meus Olhos*”, desenvolvido pela AVI (Associação de Violão de Itajaí), em parceria com a ADVIR (Associação de Deficientes Visuais do Vale do Itajaí e Região) e o Conservatório de Música Popular de Itajaí.

O principal objetivo desta pesquisa é perceber como ocorre a aprendizagem da percussão com deficientes visuais, além de descobrir novos métodos de ensino e produzir materiais didáticos que possam contribuir para a formação de professores de música que atuem na área de educação especial. Segundo a educadora Isabel Bertevelli, é primordial darmos especial atenção aos “aspectos auditivos, táteis e sinestésicos dentro de vivências concretas” (2010, p. 303). A autora compreende que para o deficiente conseguir realizar suas elaborações mentais, a audição e o tato, aliados às explicações verbais contextualizadas, são estímulos fundamentais neste processo.

A pesquisa de caráter qualitativo e intervencionista foi realizada a partir da busca de artigos, livros, documentários, programas de TV, sites, blogs e materiais didáticos em geral, que abordem o ensino de música para pessoas com esse tipo de deficiência.

Na Biblioteca Central da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí), por exemplo, foram colhidos materiais de professores de percussão, a saber: Rodrigo Gudin Paiva e Lucas Ciavata. Os educadores exploram o ensino da percussão em grupo e a pulsação, temas de destaque no presente artigo. Também foram feitas buscas por artigos em revistas eletrônicas como a ABEM e a Revista Pesquiseduca onde foi encontrado o artigo *Estratégias Metodológicas Utilizadas na Educação Musical de Cegos a Partir da Abordagem Orff-Schulwerk* (BERTEVELLI, 2010).

Além das buscas feitas na biblioteca e em revistas e sites especializados, também houve um contato direto via e-mail com Isabel Cristina Dias Bertevelli, que respondeu aos questionamentos sobre levantamento de dados, sugerindo a

observação no *Manual Internacional de Musicografia Braille*, desenvolvido pelo Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Especial.

A fim de organizar a pesquisa, após a coleta os materiais foram analisados e divididos em cinco categorias: Musicografia Braille, Música e Educação, Contexto Histórico, Ensino de Violão e Arte Tátil.

Ao final do artigo é proposta uma atividade extraída do livro *Bateria e Percussão Brasileira em Grupo* (PAIVA; ALEXANDRE, 2010). A atividade consiste em tocar a rítmica da melodia da canção *Sambalelé* utilizando somente instrumentos de percussão.

2 PRIMEIRO OLHAR

O trabalho com o ensino de música para deficientes visuais iniciou em 2011, quando fui convidado⁴ a formar um grupo de percussão no projeto “*Música para Meus Olhos*”. Ao receber o convite fiquei um tanto quanto temeroso, pois apesar de trabalhar não formalmente como professor de música desde 2001, nunca havia estado com portadores de deficiência visual. Mas, ao mesmo tempo, o convite me deixou curioso, então resolvi aceitar o que seria o meu maior desafio profissional.

Inicialmente encontrei muitas dificuldades, inclusive para fazer coisas simples como posicioná-los em sala de aula, dificuldade esta que eles próprios me ajudaram a superar ensinando-me como guiá-los.

Em 2013 quando ingressei no curso de licenciatura em música na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), o meu olhar sobre o ensino de música, não só para cegos, mas o ensino de um modo geral, começou a mudar, pois a academia oferece um vasto “leque” de metodologias de ensino para outras áreas de atuação dentro da música. Isto aguçou ainda mais a minha curiosidade e me levou a estudar cada vez mais sobre este assunto e a desenvolver o presente artigo.

Uma das dificuldades no ensino da percussão em grupo é fazer com que todos mantenham a mesma pulsação, mas com alunos cegos esta dificuldade se potencializa, pois ficamos impedidos de usar uma ferramenta muito importante no ensino da percussão em grupo que é o gestual. Para um vidente sempre é possível corrigir individualmente, usando somente o olhar, um sorriso ou um toque.

No que diz respeito à pulsação, Ciavatta afirma que:

⁴ Acadêmico Francisco Luiz da Silva Cardoso, autor do artigo.

A atividade, comum na sala de aula, de ouvir uma música e, através de marcações, andando ou batendo palmas, perceber a pulsação envolvida, pode desempenhar um importante papel na aquisição das habilidades que possibilitam o trabalho com a pulsação. (2011, p. 59).

Já no que diz respeito ao gestual, Muniz Neto discorre:

Gestos regenciais, o que permite por sua vez à orquestra, a concepção e a realização do discurso musical gerido pelo maestro. É por meio de gestos que o regente “toca” o instrumento representado pela orquestra. (1993, p. 47).

Partindo deste princípio, venho buscando por meio deste trabalho desenvolver atividades que auxiliem no ensino de percussão para esta área que é carente deste método. Para esclarecimento do leitor, temos no grupo de alunos da ADVIR somente uma integrante que lê Braille, e nenhum deles tem formação em Musicografia Braille⁵. Sendo assim, toda a forma de ensino utilizada pelos professores do projeto é muitas vezes experimental, tendo na sua própria prática novas visões de como abordar a música com o grupo de associados, que traz consigo experiências e saberes variados, assim como suas formas de aprender e compreender os conteúdos.

3 METODOLOGIA

Esta investigação intervencionista vem sendo realizada com alunos cegos e de baixa visão, com idade entre vinte e sessenta anos que frequentam a ADVIR⁶, que uma vez por semana oferece aulas de música, além de outras atividades artísticas. Nestas aulas de música que acontecem no Conservatório de Música Popular de Itajaí são oferecidos quatro cursos: Grupo de Percussão, Violão, Piano e Canto. Porém este texto abordará exclusivamente o ensino da Percussão em grupo. A professora Cristiane Muller, também autora do trabalho, ministra as aulas de canto e piano no projeto e faz sua contribuição analisando e concluindo o texto.

A pesquisa é de caráter qualitativo, pois todas as informações são colhidas durante as aulas em contato direto entre professor e aluno e arquivadas em relatórios elaborados semanalmente. Como há também uma interferência do pesquisador na realidade estudada, a fim de produzir matérias que possam

⁵ Técnica de escrita tátil, um “sistema de escrita musical utilizado internacionalmente” (BERTEVELLI, 2007, p. 163). No Brasil, a professora Dolores Tomé é uma das autoridades em Musibraille, que foi desenvolvido em 1828 por Louis Braille, adaptando a técnica de transcrição de textos para transcrição musical. Para quem almeja aprofundar-se neste âmbito, sugerimos o livro de Tomé (2003) intitulado *Introdução à Musicografia Braille*.

⁶ Associação de Deficientes Visuais do Vale do Itajaí e Região

contribuir para um melhor ensino das pessoas que possuem deficiência visual, classifico também a pesquisa como de intervenção.

No artigo *Metodologias da Pesquisa*, Moresi define pesquisas qualitativas e de intervenção das seguintes formas:

Qualitativa: A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (MORESI, 2003, p, 8).

Intervenção ou investigação intervencionista: A pesquisa de Intervenção ou investigação intervencionista tem como principal objetivo interpor-se, interferir na realidade estudada, para modificá-la. Não se satisfaz, portanto, em apenas explicar. Distingue-se da pesquisa aplicada pelo compromisso de não somente propor resoluções de problemas, mas também de resolvê-los efetiva e participativamente. (MORESI, 2003, p, 9).

Uma das atividades propostas em sala de aula foi a adaptação da peça *Sambalelê* extraída do livro *“Bateria e Percussão em Grupo”* (PAIVA; ALEXANDRE, 2010, p. 28-29). Por ser uma música de melodia simples e conhecida por todos, optei por esta canção do folclore brasileiro.

A atividade é realizada tendo como base a fórmula de compasso 2/4 (binário) e os instrumentos utilizados foram: surdo, caixa e tamborim, instrumentos característicos do ritmo samba. Para tocar os instrumentos com o som mais agudo e também os de volume mais forte, como a caixa e tamborim, a sugestão é que sejam utilizadas baquetas de feltro, vassourinhas ou baquetas de estudo, pois foi possível perceber durante as aulas que a frequência aguda e o volume muito forte acabam os incomodando e faz com que não se consiga obter a concentração necessária para a execução da peça.

Figura 1: Distribuição dos instrumentos nas diferentes vozes.

Samba Lelê

The figure shows a musical score for the song 'Samba Lelê' in 2/4 time. It consists of three staves: Tamborim 1, Caixa 2, and Surdo 3. The lyrics are: Samba le lê ta do en te ta coma ca be ça que bra da. The Tamborim 1 staff has a melody of eighth notes. The Caixa 2 staff has a pattern of eighth notes with accents. The Surdo 3 staff has a simple bass line of quarter notes.

Fonte: Produção e adaptação do autor.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

A intenção deste artigo é mostrar como é possível ensinar percussão em grupo para deficientes visuais, apesar das dificuldades citadas no artigo, como fazer com que todos mantenham a mesma pulsação e ausência do gestual, ferramenta essencial nas práticas em grupo. É notável a escassez de materiais que abordem o ensino de percussão para cegos, tendo em vista que até esse momento a grande maioria dos materiais encontrados falam sobre Musicografia Braille e o ensino de violão e nenhum que aborde especificamente o ensino da percussão. Neste sentido, este estudo pretende ser apenas o início da coleta e produção de materiais que futuramente possam contribuir na formação de professores e pesquisadores.

Bertevelli (2010, p. 311) diz que “a Educação de cegos e das pessoas que enxergam deve ser a mesma; tanto um como o outro passam pelas mesmas etapas do desenvolvimento humano, em todos os aspectos”, ou seja, as pessoas cegas devem ter a mesma oportunidade das pessoas videntes de tocar numa banda, participar de uma fanfarra ou até mesmo de formar uma bateria de escola de samba. Ela ainda acrescenta que o conteúdo sempre será o mesmo, porém adaptações são necessárias; adaptações das atividades, do material e das estratégias a serem utilizadas nas aulas. Isso é o que acontece na atividade *Sambalelé*, sugerida neste artigo para pessoas videntes e que estejam no nível iniciante em bateria e percussão.

Ao realizar a atividade com os alunos deficientes visuais, optou-se iniciar pela prática do canto, executando a rítmica da melodia batendo palmas ou mesmo batendo com as mãos nas pernas. O intuito era primeiramente de decorar a letra e a rítmica. Como passo seguinte, substituímos as palmas pelos instrumentos de percussão.

Após todos conseguirem cantar e tocar a música de forma uníssona, cessaram o canto e, executando somente a rítmica da melodia nos instrumentos, puderam sentir a presença da canção sem sua letra. E assim foram alternando, executando a música uma vez com o canto e outra só com os instrumentos. O processo é bastante lento e requer atenção máxima do professor, pois o aluno só tem este profissional como referência. Ele não tem o recurso de ver outros colegas tocando, ou até mesmo o professor mostrando como se toca, cada detalhe de mão para extrair o som desejado. Todo e qualquer detalhe observado e falado imediatamente é pontual para o aprendizado.

Caso perceba que a turma está encontrando dificuldades para executar a atividade, a sugestão é de simplificar, dividindo a turma em dois grupos e enquanto um grupo canta a canção o outro executa a rítmica da melodia nos instrumentos ou palmas, fazendo também a alternância entre eles.

Após todas estas etapas é hora de tocar o ritmo samba, que exige maior concentração do grupo, pois, ao contrário das outras atividades, cada instrumento estará seguindo uma rítmica diferente, o que faz com que seja mais difícil que todos mantenham a mesma pulsação.

A atividade é realizada tendo como base a fórmula de compasso 2/4. Com o objetivo de ter um pulso de referência convido um aluno a tocar o instrumento surdo utilizando a contagem “1, 2”⁷. Peço que ele toque o tempo “1” abafando a pele do instrumento com uma das mãos e golpeando com a baqueta, obtendo assim o som que eu chamo de fechado; e o tempo “2” golpeando somente com a baqueta e deixando o soar, som este chamado por mim de aberto. Para que entendam como abafar o instrumento, é preciso trabalhar com o toque de mãos. O aprendiz tem a necessidade de sentir a mão e o movimento do professor, para compreender como se dá aquele som sugerido.

Assim que conseguir manter uma regularidade, vamos acrescentar as caixas. Para a rítmica deste instrumento vamos utilizar uma sequência de uma colcheia pontuada com uma semicolcheia e acentuando sempre os tempos 1 e 2. Não é necessária a explicação teórica sobre as figuras musicais. O ouvido deste aluno é por vezes musical, com capacidade de escuta e, por meio de repetição, consegue reproduzir os sons. Não podemos afirmar que, por ser cego, sua habilidade musical aumenta:

O trabalho musical com o deficiente visual, especialmente com o cego, parece simples e óbvio, pois supõe-se que eles possuem uma faculdade auditiva excepcional, mas isto é verdade somente em parte. Ele não nasce com um aparato auditivo perfeito ou melhor, porém, a deficiência o obriga a desenvolver outros sentidos, principalmente uma capacidade muito grande para escutar. (BERTEVELLI, 2007, p. 163).

Por fim, com o surdo e caixa conseguindo manter o *groove* do samba, partimos para os tamborins, executando a melodia da canção *Sambalelé*. É necessário antes de começar a tocar que o professor sempre apresente os instrumentos a todos através do tato, para que eles se sintam mais confiantes e confortáveis ao tocar. Também é necessário que o professor execute, solfeje e faça

⁷ Na escrita musical em um compasso 2/4, são duas semínimas por compasso.

com que todos cantem a atividade a ser executada. Deste modo, poderão decorar e por meio do processo de imitação tentam reproduzir o som que estão ouvindo.

Neste início de pesquisa foi possível perceber que ainda existe muito a ser investigado sobre o ensino de percussão em grupo para deficientes visuais, porém, com os dados coletados e analisados e com as atividades que venho realizando com o meu grupo, acredito que seja possível de se fazer um trabalho não só de musicalização, mas também de socialização através do ensino da percussão.

5 CONSIDERAÇÕES

O principal objetivo deste artigo foi perceber como ocorre a aprendizagem da percussão com deficientes visuais, além de descobrir novos métodos de ensino e produzir materiais didáticos que possam contribuir para a formação de professores de música que atuem na área de educação especial. Este estudo pretende ser apenas o início da coleta e produção de materiais que futuramente possam contribuir na formação de professores e outros pesquisadores.

É preciso que o professor esteja inserido integralmente quando atende este grupo dentro da educação especial. Além da atenção, que precisa ser redobrada para que seu aluno compreenda de forma clara o conteúdo musical, a energia deste professor e sua entrega devem ser totais no momento dos encontros. Este aluno necessita de cuidado, de carinho, de alegrias que a música lhe proporciona, mas se o profissional não for capaz de compreender, participar e dar tempo a este sujeito, nada acontece.

O ensino da percussão em grupo é uma valiosa ferramenta para musicalizar e também socializar as pessoas, em função disto, sugiro que percussionistas, bateristas e professores de música de uma forma geral, invistam na criação e adaptação de materiais didáticos para deficientes visuais.

REFERÊNCIAS

BERTEVELLI, Isabel C. D. O Ensino da Musicografia Braille dentro do contexto da inclusão de cegos: desvendando a notação musical em relevo. In: **XIII Simpósio Paranaense de Educação Musical**, Londrina, 2007. Disponível em: <http://www.musicografia.net/artigos-de-outros-autores.html>. Acesso em: 13 mai. 2015

_____. Estratégias metodológicas utilizadas na Educação Musical de cegos a partir da abordagem Orff-Schulwerk. Revista Eletrônica **Pesquiseduca**. v.2, n. 4 – jul.-

dez. 2010. Disponível em: <http://meloteca.com/musicoterapia2014/estrategias-metodologicas.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

ClAVATTA, Lucas: **O Passo: música e educação**. Rio de Janeiro: Lucas Ciavatta, 2011.

MORESI, Eduardo: **Metodologia da Pesquisa**. Universidade Católica de Brasília – UCB. 2003. Disponível em: http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1370886616.pdf. Acesso em: 22 jun. 2015.

MUNIZ NETO, José Veigas: **A comunicação gestual na regência de orquestra**. São Paulo: José Veigas Muniz Neto, 1993.

PAIVA, Rodrigo Gudin; ALEXANDRE, Rafael Cleiton. **Bateria e Percussão Brasileira em Grupo**: Composição para prática de conjunto e aulas coletivas. Itajaí: Edição do Autor, 2010.

TOMÉ, Dolores. **Introdução à Musicografia Braille**. São Paulo: Ed. Global, 2003.